Artigo

SÉRGIO LUIZ B. TRINDADE, professor do IF-RN
(slbtrindade@yahoo.com.br)

Jornal Hoje
29.09.09

Um operário no poder (II)

José Praxedes já era sapateiro antes de aprender o ofício no então Liceu Industrial, escola na qual entrou em 1916 para fazer um curso de desenho e modelagem e que foi, também, um dos pilares de sua formação profissional.

O Liceu Industrial foi o novo nome que a Escola de Aprendizes Artífices, instituição fundada em 1909 pelo presidente da República Nilo Peçanha, homem que se impunha como uma das forças políticas do estado do Rio de Janeiro durante grande parte da República Velha (1889-1930).

Naquele Brasil do início do século XX, país atrasado economicamente e que ainda vivia o alvorecer de um movimento em direção a uma industrialização tardia, os ofícios eram aprendidos dentro de casa, passados de pai para filho. A Escola fundada por Nilo Peçanha rompeu com essa lógica. A partir daquele momento, havia um espaço fora do âmbito familiar no qual era possível aprender o ofício de artesão.

Foi na esteira dessa transformação do Brasil que começava a dar os primeiros passos em direção a um modelo econômico de substituição de importações que o garoto José Praxedes de Andrade, matriculado pelo padrinho no Liceu Industrial, enquanto lapidava os seus conhecimentos de sapateiro, sabia pelas poucas linhas publicadas no jornal "A República", jornal que veiculava os feitos dos grupos oligárquicos locais, das primeiras notícias sobre a Revolução Russa de 1917. O próprio Praxedes conta que no Rio Grande do Norte "já tinha aquela coisa do Poty e do Frei Miguelinho, herói da Revolução de 1817, a Confederação do Equador na cabeça e quando comecei a ler sobre a Revolução Russa fiquei ainda mais animado. Consegui entender o que estava acontecendo por lá e, então, passei a pregar entre os colegas da escola a defesa da Revolução Russa, a necessidade dos operários se organizar também aqui no Brasil para conquistar o poder. Foi uma coisa espontânea, que surgiu naturalmente dentro de mim. Ninguém me falou nada, me ensinou nada. Apenas lia as notícias nos jornais e ficava entusiasmado. Era como se o índio Poty estivesse no meio daquele movimento".

As notícias publicadas pelo jornal oficial do Rio Grande do Norte dava pequenas notas sobre o que se chamava "a usurpação do poder pelos operários na Rússia". Praxedes chateava-se com os encaminhamentos dados pelo periódico fundado por Pedro Velho, pois para o jovem sapateiro os operários "tinham tomado o que era deles mesmos".

As idéias marxistas seduziram imediatamente o futuro líder operário que ganhava estofo técnico nos bancos do Liceu Industrial. Para Praxedes não seria absurdo que os operários fizessem o mesmo por aqui. Pela sua cabeça de jovem encantado com as idéias de igualdade, disseminadas pelos comunistas, as fantasias tomavam forma. Daí para frente foi um pensar, como diz ele, "que nós poderíamos fazer o mesmo no Brasil".

Depois de finalizado o curso técnico e de ter dado baixa no Exército, onde ficou como voluntário até agosto de 1921, Praxedes foi "ver se a arte que havia aprendido na escola servia para alguma coisa". Não foi difícil constatar que o ofício que o Liceu lhe burilou foi suficiente para conseguir emprego numa fábrica de calçados, trabalhando "como modelador, levando nas mãos a arte aprendida na Escola Técnica e na cabeça as idéias efervescentes da Revolução russa e dos ensinamentos do índio Poty". Estava dado o primeiro em direção à militância político-sindical, que convergiria para a tentativa de tomada do poder e implantação de um modelo comunista no Brasil em meados da década de 1930.

Eduardo Felipe

